

## **Estratégias pedagógicas e comunicacionais para professores de estudantes surdos do ensino médio**

Enos Figueredo de Freitas; Ricardo José Rocha Amorim; Jaqueline Valois Rios Sena; Adão Fernandes Lopes.

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB – DCH IV) enosjenzo@gmail.com; amorim.ricardo@gmail.com; jackvalois@yahoo.com.br; afelopes@yahoo.com.br*

### **RESUMO**

Utilizar estratégias pedagógicas visuais de ensino é benéfico para todos os alunos, em especial para estudantes surdos. Os docentes podem ampliar as habilidades de mediação por conhecerem melhor como utilizar estratégias visuais e adaptar ao cotidiano de ensino e de avaliação. Além disso, com a presença de estudantes surdos na escola, cada vez mais professores tomam a iniciativa de se comunicar, em caráter básico, com os surdos diretamente em Libras. Essas novas oportunidades e desafios do campo educacional demandam mais formação para os docentes. Este trabalho traz aqui um relato de experiência que se inscreve exatamente nesse contexto. Temos por objetivo relatar sobre quatro oficinas que foram ofertadas aos professores do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do IF Baiano do *campus* Senhor do Bonfim – BA. As oficinas foram divididas por área: primeiro para os professores de informática; depois para docentes do curso técnico em agropecuária; das exatas e das humanas. Em cada momento eram sugeridas e debatidas a aplicabilidade de doze estratégias visuais de ensino ou modalidades de avaliação. E para cada área específica havia um esboço de atividade com elementos visuais e outras sugestões que se aproximavam da área de ensino abordada. A última parte da oficina oferecia uma atividade com cumprimentos em Libras. Sete professores e dois pedagogos que atuam no ensino médio participaram das oficinas e em cada oportunidade havia ponderações e proposições que aumentavam o conhecimento do professor sobre as adaptações curriculares que estão ao seu alcance e contemplam as necessidades educacionais dos estudantes. Os professores também produziram frases em Libras e, posteriormente, uma professora fez avaliação levando em conta elementos visuais. Neste trabalho apresentamos o que foi tomado como mais relevante em cada momento e que julgamos contribuir para reflexões e potenciais avanços na prática pedagógica e na comunicação dos professores que estão nas escolas inclusivas com estudantes surdos.

Palavras-chave: Estratégias pedagógicas visuais, Comunicação em Libras, Adaptação curricular, Avaliação, Oficinas.

### **INTRODUÇÃO**

Estudantes surdos cada vez mais acessam os espaços educacionais. Essa afirmativa encontra respaldo nos dados censitários da educação. O primeiro exemplo é o do Censo Escolar do INEP de 2012 que revelou que havia 74.547 estudantes surdos na educação básica; conforme o Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Além

disso, entre 2007-2013 os estudantes da categoria educação especial, matriculados de modo geral, entre os quais estão estudantes surdos, aumentaram de 654.606 para 843.342.

Com a presença dos estudantes surdos, mediar o ensino para esse público estudantil - pessoas com impedimento no sentido da audição e usuárias de uma língua de sinais -, é uma realidade que demanda mais adaptações por parte dos professores e, conseqüentemente, por mais oportunidades de formação. Para tanto, é preciso reconhecer duas soluções que a cultura dos surdos vem nos apresentar: explorar a experiência visual e a comunicação mediante uma língua de sinais.

Para a autora surda Perlin (1998, p. 56) ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Visto que as pessoas surdas apreendem o mundo mediante o sentido da visão, eles organizam seu pensamento e sua língua também na estrutura visual. Por sua vez, a forma de expressarem suas concepções dá-se em uma língua que verbaliza mais adequadamente o pensamento e os conceitos adequando-se ao panorama visual. A visualidade dá-se porque a mensagem articula-se e percebe-se mediante a visão e o sistema motor (mãos e o corpo) sinalizando em um espaço ou local que é em frente do locutor (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 127). A comunicação com os surdos também se assenta no sentido da visão para compreender; e para se expressar articulam-se as mãos e o corpo. No caso dos surdos brasileiros, eles se comunicam mediante a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Buscando aliar essas duas possibilidades: elaborar estratégias pedagógicas visuais e o estímulo para a comunicação com o estudante surdo, é que foi planejada e ofertada uma série de oficinas de Libras com professores do ensino médio da educação profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano de Senhor do Bonfim; sendo que estas serão descritas aqui como relato de experiência.

Aqui o objetivo é publicizar ações de caráter formativo (oficinas) direcionadas ao corpo docente; com foco na educação de estudantes surdos. Esta comunicação se faz necessária, pois nas palavras de Figueiredo (2012, p. 35) “As pessoas precisam compartilhar as experiências de vida com o outro para encontrarem e reconhecerem, juntas, os seus limites, assim como suas potencialidades”. Esperamos contribuir com um relato de uma experiência que contém potenciais estratégias de formação.

Além de registrar as atividades desenvolvidas, fizemos algumas relações com a literatura que trata da educação de surdos. E fecharemos este artigo com as ponderações pertinentes ao que relatamos.



## METODOLOGIA

A decisão de oferecer as oficinas com foco em estratégias visuais de ensino, adaptações curriculares e comunicação com estudantes surdos não foi a primeira opção. De maio a junho de 2016 oferecemos um curso para professores da instituição com dia e horário diferentes para duas turmas de inscritos. A carga horária foi de 18 horas, divididas em 6 encontros. Duas aulas foram dedicadas aos estudos sobre estratégias pedagógicas para estudantes com surdez e 4 aulas para comunicação em Libras. Nove professores participaram do curso. Muitos comunicaram que devido aos trabalhos com ensino, pesquisa e extensão tinham pouco espaço temporal em sua agenda. Repensamos e oferecemos um formato mais rápido: as oficinas por área de atuação e com duas horas de duração em dias diferentes. Junto a coordenação, oferecemos entre 9 e 20 de fevereiro de 2017, quatro oficinas.

Optamos pelo método de divisão por áreas, sendo estas: para professores do curso técnico em informática; as áreas técnicas (irrigação, zootecnia); das exatas; e linguagens juntamente com as outras disciplinas de humanas. A programação da oficina era dividida em uma parte para estratégias pedagógicas visuais de ensino e avaliação e outra para comunicação em Libras.

Figura 1 – Sugestões de estratégias pedagógicas visuais e de avaliação.

1

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO – IF BAIANO CAMPUS SENHOR DO BONFIM  
 PROF. ENOS FIGUEREDO DE FREITAS / OFICINA DE LIBRAS PARA PROFESSORES / FEVEREIRO DE 2017.

**Objetivo:** Refletir sobre as possibilidades de mediação do ensino e avaliação para estudantes surdos.  
**Instruções:** Associe a modalidade disposta na primeira coluna enumerando correspondentemente ao sinal em Libras disponibilizado na segunda coluna.

<p>1  ( ) </p>	<p>6  ( ) </p>	<p></p>
<p>2  ( ) </p>	<p>7  ( ) </p>	<p></p>
<p>3  ( ) </p>	<p>8  ( ) </p>	<p></p>
	<p>9  ( ) </p>	<p></p>
	<p>10  ( ) </p>	<p></p>

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Começando pelos professores de informática, eles compareceram de forma unânime. Foram preparadas duas atividades impressas que sugeriam adaptações pedagógicas e visuais de ensino. Na primeira, havia doze sugestões de estratégias pedagógicas que exploram a visualidade ou que fossem úteis no momento de avaliação. Dialogamos sobre a aplicabilidade destas e sobre o impacto delas na aprendizagem dos estudantes. Algumas delas como a produção de tutoriais, e o uso de desenhos na lousa (seja como mapa conceitual ou formas de visualização) foram tomadas como sendo uma possibilidade de ser implementadas. Visto que no curso não havia disponibilidade de intérpretes para todas as aulas os professores estavam muito preocupados com a aprendizagem dos estudantes surdos. Uma das alternativas cogitada é a de que no momento avaliativo no qual fosse agendado com o intérprete, o professor estivesse presente gerenciando o momento da avaliação com uma prévia revisão sobre os tópicos principais do conteúdo e daí se procedesse com a arguição oral. Outra possibilidade foi a de permitir ao estudante o registro em Libras mediante vídeo para que no momento oportuno o intérprete traduzisse para o professor o teor da resposta do aluno. Além disso, alguns professores cogitaram a possibilidade de gravar vídeo aula quando houvesse disponibilidade de intérprete. Além disso ficou claro como o professor também pode colaborar com o tradutor e intérprete para que as traduções sejam mais exatas.

No segundo momento, foi distribuída e realizada uma atividade com cumprimentos em Libras. Os professores participaram sinalizando, tirando dúvidas e até enfatizando o uso do smartphone como ferramenta para registro pessoal das frases articuladas em Libras. Esse momento, fez os professores se sentirem mais à vontade para cumprimentar os estudantes surdos em Libras. Os professores demonstraram satisfação com a oportunidade oferecida pela oficina.

Na oficina para docentes da área técnica, planejou-se as atividades nos mesmos moldes. Porém, na atividade sobre adaptação na avaliação, as questões e temas foram direcionadas a questões como nomenclaturas do fenótipo de um animal (usando como exemplo um frango), e o manejo alimentar.

Arrazoamos que no caso de determinada nomenclatura ser indispensável para a formação técnica, o professor deveria deixar bem evidente na aula e cobrar na avaliação dando alternativas objetivas com alíneas mais sintéticas.



Além de demonstrar como inserir imagens na avaliação, dialogamos sobre a forma de propor a questão: preferencialmente questões objetivas. Contudo, para o caso do professor preferir um resposta analítica, sugerimos a arguição oral na qual o estudante verbaliza em Libras e o intérprete faz a tradução para a modalidade oral da língua portuguesa. Ainda outra alternativa comentada seria a permissão para o tradutor e intérprete transcrever a resposta do aluno para o português – contudo essa possibilidade apresenta problemas quando no momento da avaliação há vários surdos respondendo. A professora de cunicultura, Izabela Azevedo, destacou que as informações seriam úteis. Quanto a parte de comunicação em Libras, para além da atividade proposta, a docente fez questão de gravar diversas frases em Libras no smartphone para depois lembrar e se comunicar com seus alunos.

O resultado desse momento formativo foi surpreendente, a professora passou a se expressar em Libras com seus discentes – evidentemente algumas frases que ela tinha aprendido -, gerando muita satisfação na relação professor-aluno. Além disso, a docente passou a produzir avaliações adaptadas com uso de imagens e questões mais objetivas ou que requerem que o estudante deve inferir sobre as proposições como verdadeiras ou falsas. Um conceito relacionado à avaliação que foi útil analisar foi que esse recurso deve “contribuir para aprendizagem” e não refletir friamente um modelo classificatório e tecnicista” (LUCENA, 2014, p.245). No caso da professora Izabela, a avaliação composta de elementos visuais e questões que inquiriam um posicionamento esclarecido do estudante, foram formas apropriadas encontradas pela docente para avaliar. A seguir, exibimos uma imagem da avaliação a qual fizemos referência.

Figura 2 – Avaliação proposta pela professora de zootecnia I após a oficina.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Campus: Coelho de Souza

**Avaliação de Zootecnia I**

Professora: Izabela L. Azevedo  
Aluno: \_\_\_\_\_  
Turma: 1<sup>o</sup> série \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Questão 1 – Sobre a cecotofia, enuncie a sequência correta:**

 Cecotofia	 Digestão
 Cecotofia	 Alimento
 Cecotofia	 Fezes

**Questão 2 – Marque as opções como verdadeira (V) ou falsa (F):**

<input type="checkbox"/> <b>GORDURA</b>	A carne de coelhos é apreciada pelos consumidores pelo seu sabor, textura e baixo teor de gordura.
<input type="checkbox"/> <b>X</b>	O consumo de carne de coelhos no Brasil é muito alto, ultrapassando o consumo de carne de frango.
<input type="checkbox"/>	Coelhos são muito utilizados como cobaias de laboratório.
<input type="checkbox"/> <b>Coelho</b>	A pele e o pelo dos coelhos têm alto valor comercial e existem raças com grande capacidade de produção, como o angorá.

Fonte: Azevedo, 2017.

A oficina para a área de exatas infelizmente não ocorreu devido a entrar em choque com as aulas dos professores. Por essa razão seguiremos com o relato da oficina para as áreas de humanas. Na ocasião duas pedagogas se fizeram presentes; duas professoras de linguagem não compareceram pois haviam participado de uma oficina em 2015 e do curso em 2016. Dialogamos sobre as dificuldades que o professor enfrenta para fazer adaptações curriculares e sobre algumas estratégias que combinavam ganho de aprendizagem e de tempo. Por exemplo, alguns professores preferem acompanhar o momento da avaliação de discentes surdos ou de discentes com dislexia. Para esses professores, a avaliação se torna um momento de aprendizagem pois em alguns casos eles julgam pertinente fazer uma revisão prévia e depois arguem oralmente os alunos. Em outros casos o docente se propõe a ler ou simplificar os enunciados para que o aluno responda. Foi reconhecido que fazer uma avaliação diferenciada é produtivo mas demanda mais tempo, mais trabalho para o professor - que em alguns casos já está sobrecarregado. A pedagoga Enaide Maciel destacou que quando os professores se aproximam dos discentes eles se tornam mais sensíveis às necessidades educacionais do aluno e até acabam identificando pequenas alternativas que melhoram a forma de avaliar o estudante.

A educação é uma tarefa complexa que demanda muito do professor. Contudo essa responsabilidade não é apenas do docente, é por essa razão que ele precisa contar com uma equipe multiprofissional e diálogo permanente com o atendimento educacional especializado. Esclarecendo as dúvidas e buscando uma aproximação com o aluno e a rede de profissionais, será mais provável que se consiga alcançar as adaptações curriculares que são asseguradas pela Lei de inclusão no artigo 28 e no inciso III: “[...] adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade [...]”.

A capacidade de explorar o entorno visual é uma habilidade dos surdos que os ouvintes também podem reconhecer e adaptar para elaborar recursos visuais em suas aulas. Essa afirmação encontra respaldo nos escritos das autoras Lacerda, Santos e Caetano (2013, p.190) quando explicam que “a pedagogia visual na área da surdez, e por isso se constitui como um novo campo de estudos e colaborar para uma educação e beneficiar não apenas o sujeito surdo, mas para ampliar as possibilidades de aprendizagem para todos”. As autoras esclarecem que a visualidade é central na vida dos surdos, e a escola pode utilizar diversos “elementos imagéticos tais como maquete,

desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo ou pequeno trecho de filme poderia ser um material útil para professores das diversas disciplinas” (*Id. Ibidem* 188).

Conversar com o estudante em sua língua, mesmo que em caráter “básico” pode aproximar a mediação e a relação professor-aluno. Com isso, ressaltamos que no contexto da educação inclusiva, não se intenta dispensar o serviço do tradutor e intérprete para fazer “a mediação da mediação” na comunicação e contribuir com o aprendizado; e nem tampouco anular o movimento de comunicação a ser empreendido pelo professor. Acreditamos que quando o docente busca se comunicar, mesmo em caráter básico, na língua do estudante a relação professor-aluno melhora e com o formação e tempo é possível incorporar melhor estratégias didáticas mais visuais.

No IF Baiano a política de inclusão está em desenvolvimento; para dar um exemplo, por meio do edital 70/2016 de 31 de agosto, está em última fase o concurso para contratação para professor de Atendimento Educacional Especializado. Enquanto se consolida essa importante via de atendimento, o corpo de pedagogos e o docente de Libras tem oferecido diversos momentos para diálogo e formação de professores. Além disso, os professores nos seus horários de atendimento ao aluno também atendem ao estudante com necessidade específica.

## CONCLUSÕES

A experiência local tem revelado que adaptações curriculares e estratégias pedagógicas visuais ocorrem de modo prático, em alguns casos, quando o docente se aproxima do estudante e aproveita os momentos formativos ofertados no *campus*. Contudo, entendemos que dúvidas surgem durante o fazer pedagógico e que o corpo docente precisa que o atendimento educacional, por intermédio da equipe multiprofissional, ofereça o suporte para diálogo e possíveis esclarecimentos; de modo permanente. Além dessa constatação, admitidamente adaptações na forma de ensino e de avaliação podem exigir mais tempo por parte do professor. Percebemos também que a conversação em Libras, mesmo que de forma inicial é motivo de satisfação tanto da parte dos professores como dos alunos surdos. Mesmo diante dessa realidade, as oficinas se configuraram em oportunidades concretas que colocaram os professores em contato com estratégias pedagógicas que valorizam elementos visuais, reflexão sobre a avaliação e obtenção de um momento de iniciação para se comunicar em Libras.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 06/10/2017.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de; ... Et. al.; CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Conhecimento sem fronteiras**. FIGUEIREDO, Rita Vieira de; ... Et. al.; CAMARGO, Ana Maria Faccioli de (Orgs.). **Caminhos de uma formação: Educação Especial na perspectiva da inclusão**. –São Paulo: Peirópolis, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. – São Paulo: EDUFScar, 2013.

LUCENA, Maria Inês Probst. A responsabilidade social do professor de línguas diante da avaliação no contexto escolar. In: MULIK, Katia Bruginski; RETORTA, Miriam Sester (Orgs.). **Avaliação no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: diálogos, pesquisas e reflexões**. – Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2014.

MAINIERI, Cláudia Mara Padilha. **Desenvolvimento e aprendizagem de alunos surdos: cognitivo, afetivo e social**. – IESDE Brasil S. A., 2011.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. – Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. – São Paulo: Artmed, Editora S.A., 2004.